

Índio nativo que foi pioneiro, que foi submisso do civilizado; seu grande orgulho de ser brasileiro, tem gosto amargo e sangue derramado.

Sua presença no Brasil inteiro, que fez mudar a história do passado, marca o domínio de um povo guerreiro, quinhentos anos do chão conquistado.

No território que souhou ser dono, desassistido, quase no abandono, sem privilégio, sem valor algum.

Filho da selva, que já pouco resta, viverá na terra sem floresta, ao despostrar do século vinte e um.

Josué Anacleto Vieira, Pioneiro.

Deixa que eu sonhe um sonho derradeiro antes que seja tarde para mim e a morte enfeite a estrada do meu fim com gesto manso e passo sorrateiro...

Deixa o meu sonho ser tão verdadeiro que nenhum outro possa ser assim! E este mais lindo, mais profundo, enfim, o último amor, maior do que o primeiro!

Deixa que eu sonhe o sonho meu mais louco! Apaga as mágoas do meu rosto aflito, deixa, um instante, que eu não sinta dor...

Deixa que eu sonhe: vai durar tão pouco o último sonho, o sonho mais bonito, o amor mais triste: o derradeiro amor...

Janske Niemann Schlenker, Deixa que eu sonhe.

Fanal 668, Abril de 2011: Rua Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo/SP

À Estrela no alto luzindo que a minha prece escutou, conto o milagre mais lindo: hoje, o meu amor voltou!

Colombina, 1104 Fanal
Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo/SP

Regenerei-me, mãezinha, como você sempre quis. E a doce mentira minha fez mamãe morrer feliz.

Célio Grunewald

O nosso outrora cruzeiro que foi cruzado, vai mal... Agora nem é dinheiro embora seja... real...

Débora Novaes de Castro, 1212 A
Voz da Poesia: R. dos Bogaris 183,
04047-020 – São Paulo/SP

No portão, os namorados são como barcos no cais: pelos beijos amarrados, querem ir e ficam mais.

Cleonice Rainho

Dizemos que o tempo voa, e enquanto filosofamos, ele vive aí, à toa, e somos nós... que voamos.

Dorothy Jansson Moretti, 1301
Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br

Juntamos nossos farrapos naquele rancho sem flor: era a miséria dos trapos numa fatura de amor

J. Guedes
Trovias 136: 2011, Abril – Antônio Augusto de Assis – alkaulu77@gmail.com

Surge a noite, radiosa e tão serena! Só a nos dois, pertence este momento; o ar parado, traduz em voz amena, um murmúrio, que trás deslumbramento.

Sentindo uma harmoniosa cantilena, e envolvidos no amor que é paz e alento, colhemos das estrelas linda cena: sublimado de luz o firmamento.

Nosso primeiro beijo permanece, sempre, sempre, a nos dar sonho e carinho: e tudo retratou-se nos espaços.

Na vida, tanto bem nos aconteceu! De mãos dadas traçamos um caminho onde há flores, regendo nossos passos!

Dina Marchetti Abad, Só nós dois.

A japonesa se invoca com a freguesa saidinha: “Na feira non tem mandioca... Japón só tem mandioquinha...”
Jaime Pina da Silveira, 0912
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia/C

Dei-te amor sem falsidade uma floresta de amor. E tu, só por crueldade, te fizeste lenhador.

Lilinha Fernandes
Trovias 136: 2011, Abril – Antônio Augusto de Assis – alkaulu77@gmail.com

“Esse cigarro de palha te mata, João, larga dele!” – E o capiau nem se atrapalha: “Antes disso eu fumo ele!”

Newton Meyer Azevedo, 0704 Trovalgre Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301, 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Para ajustar meu vestido, não quero fitas nem laços, mas um cinto, meu querido, formado pelos teus braços!

Lola de Oliveira

Mui indignado, eu contemplo, no Congresso, a aberração; quem deve dar bom exemplo, escandaliza a Nação...

Pedro Grilo, 1104 Trinos do Pitiguari: R. Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

Saudade, quase se explica nesta trova que te dou: saudade é tudo que fica daquilo que não ficou.

Luiz Otávio

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVII, Nº 04 – 2013 ABRIL
Assinatura até 31.12.13: 08 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haicu.sf.nom.br ☀

Hay una única religión universal: el Amor. Una sola plegaria: los suspiros. Un solo dogma: la Belleza. Un solo ídolo: la Mujer. Un solo sacerdote: el Corazón. Un solo confesionario: el Oído. Un solo purgatorio: la Ausencia. Una sola comunión: el Beso!

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas: Átomos de Luz, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

Imprensa livre é um Direito. Não esqueçamos que tal direito é um Direito-Poder. Numa Democracia, sua Constituição o terá como Direito-Dever. Aires Brito

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.04.13, enviar até 3 haicus de quigos: Dia da Avó, Paina, Rio seco.

Até o dia 30.05.13, enviar até 3 haicus de quigos: Frio, Ipê roxo, Mocho.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82

05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmenendez@superig.com.br



QUIDAI S DE OUTONO – TEMAS DE OUTONO

Na noite estrelada assistentes esperando a estrela cadente.

Alba Christina

Crianças de farda aprendem cidadania. Dia do Escoteiro.

Angela Guerra

Aplausos na rua: o boneco pega fogo. Malhação de Judas.

Darly O. Barros

Olhos infantis passeiam pela vitrine, com ovos de Páscoa!

Elen de Novais Felix

Criançada agitada. Correndo de lá pra cá malhação de Judas.

Flávio Henrique Velasco

Cinelândia, cheia! No palanque, o comício – Dia do Trabalho!

Iraí Verdan

Domingo de Ramos processão em frente à igreja louvam a Jesus.

Luiza Nelma Fillus

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Manacá florido, vento espalha acalento. Rua colorida. V

Alberto Siuffi

No jardim da casa, amanhece uma surpresa – um manacá em flor! L

Amália Marie Gerda

No Dia do Índio, sem flautas, arcos e flechas – só rostos tristonhos! V

Amália Marie Gerda

Sequer se percebe, no azul-celeste do céu, o sanhaço em voo! V

Amália Marie Gerda

Com frutas caídas, regala-se no pomar grupo de sanhaços. A

Angélica Villela Santos

Manacás floridos com seu mesclado de cores, enfeitam as ruas. A

Angélica Villela Santos

Curupira. Iara. Lendas. Alunos ouvindo. É Dia do Índio. M

Angélica Villela Santos

Reunião tribal no centro da ocara. Dia do Índio. D

Denise Cataldi

Perto da varanda perfume dos manacás. Namoro esquentando. L

Denise Cataldi

Frutas caindo, tem sanhaço no pomar. Outono quente. L

Denise Cataldi

Árvore frondosa. Tempo de reprodução: sanhaço no ninho... D

Djalda Winter Santos

Pé de manacá: flores... flores... muitas flores! Jardim perfumado. L

Djalda Winter Santos

Agenda escolar. Caras pintadas no desfile Dia do Índio. D

Dorotéa Iantas Miskalo

Ao longo do dia o vai e vem do sanhaço. Frutas no pomar? L

Dorotéa Iantas Miskalo

No foco da máquina manacá em floração. Balança ao vento. V

Dorotéa Iantas Miskalo

No Dia do Índio, ritual de pajelança. Comemoração. A

Flávio Ferreira da Silva

Sanhaço pausa na galharia desnuda. Por pouco tempo. G

Flávio Ferreira da Silva

Da varanda, acompanha o florescer. Pé de manacá. L

Flávio Ferreira da Silva

Verde e violeta e alguns toques de branco. Manacá da serra. G

Manoel F. Menendez

Carajás já enfeitados. Dia do Índio. L

Manoel F. Menendez

Sanhaços em voo, pomar cheio de frutos. Mamões mordicados. L

Manoel F. Menendez

Na copa da árvore o sanhaço se esconde. Pontinho azul. G

Marilena Budel

Aqui e acolá, manacá em flor. Pétalas na calçada. G

Marilena Budel

Pilhas de balaios em frente a rodoviaría. Dia do Índio. L

Marilena Budel

Ao lado da estrada, uma surpresa agradável – manacá da serra. G

Renata Paccola

No Dia do Índio, estudioso ministra palestra na escola. V

Renata Paccola

Manifestação pelas áreas protegidas no Dia do Índio. V

Renata Paccola

Cacho de banana madura no bananal. Sanhaço assanhado. V

Roberto Resende Vilela

O C R I S T O D E N A N Q U I M

Ryunossuke Akutagawa, tradução de Antonio Nojiri, de Rashomon e outros contos, Edições Massao Ono: www.estantevirtual.com.br – Gentileza de José de Mathis

– 1 –

Era um noite de outono. Num cômodo de uma casa da rua Kibogai, de Nanqim, uma jovem chinesa de rosto pálido mastigava preguiçosamente, a face apoiada nas mãos, sementes de melancia postas numa bandeja.

Sobre a mesa, um lampião emitia luz bruxoleante. Ao invés de aclarar o interior do quarto, dava-lhe um aspecto ainda mais lúgubre. No canto, onde o papel da parede se achava descolado, o leito de glícínia, do qual

escorregava o cobertor, fazia pender um mosquitoireiro poeirento. Diante da mesa, uma cadeira também velha se achava jogada como por esquecimento. E, afora essas coisas, por mais que se procurasse, não se achava um moel sequer adornando a sala.

Não obstante, parando de mastigar as sementes, erguia de quando em vez os olhos, fixando o seu olhar vago na parede fronteira à mesa. Reparando-se nela via-se, com efeito, que pendia de um prego, modestamente, e à altura do nariz uma pequena cruz de latão. E,

nessa cruz, um Cristo Sofredor, de feitura ingênua, estendia os braços bem alto, fazendo emergir palidamente os contornos do alto relevo, gasto de contato manual. Toda vez que os olhos da jovem fitavam o Cristo, a cor triste do fundo de seus longos cílios desaparecia e, em seu lugar, uma inocente e esperançosa luz parecia renascer vividamente. Mas, tão logo o olhar se desviava, emitia um suspiro, deixando pender, em desânimo, os ombros cobertos pelo casaco de cetim preto, reiniciando a mastigação das sementes.

Chamava-se So Kinkwa e era uma prostituta de quinze anos de idade; a fim de salvar as finanças da família, recebia homens à noite, em seu quarto. Entre as numerosas rameiras de Shinwai certamente haveria muitas tão belas quanto ela. Mas, que houvesse jovem tão meiga na localidade, isso pelo menos seria duvidoso. Diferia de suas colegas, não mentia nem forçava a sua própria vontade, esboçava toda noite alegres sorrisos, brincava com os variados fregueses que visitavam seu quarto sombrio. Depois, quando lhe deixavam mais dinheiro do

que de costume, sua grande alegria era a de proporcionar bebida ao pai inválido; um cálice que fosse.

Tal procedimento deveria ser próprio dela desde tenra idade. Mas, caso houvesse alguma outra razão, isso diria respeito, como sugeria a cruz na parede, à crença na religião católico-romana que sua mãe inculcara.

...Por falar nisso, na primavera deste ano, aconteceu que um jovem viajante japonês, que viera observar a vida da região sul da China, bem como assistir a corridas de cavalos, passou ocasionalmente uma noite no quarto de Kinkwa. Abraçava a pequena e graciosa menina, charuto à boca, mantendo-a sobre a calça bem passada, quando, ao deparar num momento a cruz da parede, mostrou-se intrigado e perguntou, num chinês inseguro:

– Você é católica?

– Sim, recebi o batismo aos cinco anos.

– E vive nesta profissão?

Em sua voz, nesse instante, pareceu misturar-se um tom de ironia. Mas, encostando no seu braço a cabeça de cabelos negros como o ébano, deixou escapar o riso de sempre, alegre e claro, os dentes caninos à mostra.

– Se não fizer isto, papai e eu morreremos de fome.

– Seu pai é idoso?

– Sim... Já não pode andar.

– Entretanto... Entretanto, não acha impossível ir ao céu vivendo nesta profissão?

– Não senhor.

A contemplar rápido a cruz, os olhos de Kinkwa tornaram-se pensativos.

– Penso que Cristo Senhor no céu há de compreender os meus sentimentos... Não fora assim, e se igualaria aos policiais de Tchokakô.

O jovem viajante sorriu. Depois, procurando no bolso do paletó, retirou um par de brinços de jade que ele mesmo colocou em suas orelhas.

– São brinços que há pouco adquiri para enviar ao Japão como presente, mas dou-lhos em lembrança desta noite.

Desde a primeira noite que chamou um homem, Kinkwa vinha experimentando, com uma certeza interior, manifestações de confiança como essa. Entretanto, desde há um mês, teve a infelicidade de passar a sofrer de sífilis. Sabendo disso sua colega Tin Sansa aconselhou-a a tomar beberagem de ópio, por ser boa para tirar a dor. E também a colega Mo Gueishun lhe trouxe bondosamente o que restava do “Korangan” e do “Karomai” que ela própria tomara. Contudo, embora não convidasse fregueses, a enfermidade não dava mostras de melhora.

Um dia, Tin Sansa veio visitá-la e revelou-lhe, com sinceridade, um tratamento supersticioso.

– Como a sua doença passou de um freguês, transmita-a logo de volta a outro. Se agir dessa forma, é certo que em dois ou três dias ficará boa.

Com o rosto apoiado nas mãos, Kinkwa não corrigiu a cor do rosto desanimado. Contudo, pareceu movida por alguma curiosidade pelas palavras de Sansa e perguntou suavemente:

– Verdade?

– É sim. Minha mana mais velha também, como você, não sarava nunca da doença. Mas, quando passou-a de volta a um freguês, ficou boa imediatamente.

– E esse freguês?

– Citado. Dizem que até perdeu a vista.

Depois que Sansa se retirou, Kinkwa ajoelhou-se perante a cruz pendente à parede, e, contemplando a Cristo Sofredor, dirigiu-lhe, de corpo e alma, a seguinte oração:

“Cristo Senhor que estais no céu. Para sustentar meu pai, pratico um comércio vergonhoso. Entretanto, exceto sujar a mim própria, não prejudico ninguém. E pensava que, mesmo morrendo neste estado, poderia ir ao céu. Contudo, se não transmitir esta doença a um freguês, o meu estado não permitirá continuar a exercer esta profissão. Assim sendo, mesmo que morra de fome, – se agisse como devia, dizem que me curaria, – penso que deverei me esforçar por não dormir com ninguém na mesma cama. Caso contrário, por causa de minha felicidade, chegarei a tornar infeliz a outrem, a quem não tenho ódio nem rancor. Todavia, digam o que quiserem, sou mulher. Não sei quando possa cair

em tentação. Cristo Senhor que estais no céu! Protegi-me, por piedade! Sou uma mulher que não tem ninguém a quem se arrimar, senão Vós!

Tomada essa resolução, So Kinkwa não recebeu mais, teimosamente, nenhum homem, ainda que instada vezes sem conta por Sansa e por Gueshun. Outras vezes, mesmo à visita de conhecidos, exceto fazer-lhes companhia, fumando com eles, jamais se curvou às suas vontades.

– Sou portadora de terrível enfermidade. Se chegar perto, passará ao senhor.

Quando bêbados, tentavam forçá-la, Kinkwa repetia-lhes isso, e, em verdade, não hesitava até em mostrar-lhes a prova. Por esse motivo, deixaram ele gradativamente de frequentar seu quarto. E, simultaneamente, as finanças domésticas também se puseram a apertar dia a dia... Certa noite, recostada à mesa, ficou sentada distraidamente longo tempo. E, todavia, não havia mostras de que algum freguês aparecesse em seu quarto. Entrementes, a noite foi-se aprofundando impiedosamente, e o que lhe chegava aos ouvidos não passava de vozes de grilo a cantar em algum canto. Além disso, o frio do quarto sem fogo vinha das pedras que calçavam o soalho e, gradativamente, invadia como água os sapatos de cetim cinzento e os pés delicados que se encontravam dentro.

Kinkwa contemplava de há tempo, sonhadamente, o fraco lume do lampião, mas, depois de um estremecimento, coçou a orelha de que pendia o brinco de jade, e abafou um bocejo. Nisso, quase ao mesmo tempo, abriu-se com força a porta pintada a óleo, e um estrangeiro desconhecido veio entrando a cambalear. Devia ser pela violência. O lume do lampião, colocado sobre a mesa, ardeu vivamente um certo tempo e encheu estranhamente o interior do quarto estreito de uma luz vermelha e poeirenta. Banhado de frente pela luz, o freguês cambaleou uma vez em direção à mesa, firmando-se logo em seguida, mas vacilou para trás e recostou pesadamente as costas à porta pintada, fechada pouco antes.

Kinkwa pos-se em pé sem querer e lançou um olhar espantado ao forasteiro desconhecido. A idade do freguês oscilava entre trinta e cinco ou seis anos.. Trajava paletó marrom, presumivelmente axadrezado e tinha na cabeça um boné do mesmo tecido, era um homem de olhos grandes, cavanhaque, rosto queimado de sol. Sem dúvida era um estrangeiro, mas, coisa esquisita, não se podia saber se se tratava de europeu ou de oriental. E o seu aspecto, cabelos pretos à mostra na parte inferior do boné e o cachimbo apagado à boca, – como quer que o considerassem, era o de um caminhante que batera em porta errada.

– Deseja alguma coisa?

Assaltada por sensação levemente tenebrosa, Kinkwa experimentou inquirir-lhe, qual numa censura, ainda pregada em frente à mesa. Então, sacudindo a cabeça, fez-lhe ele sinal de que não entendia chinês. Em seguida, tirando o cachimbo da boca torta, disse, fluentemente, umas palavras ininteligíveis. Mas, desta vez, Kinkwa não tinha outro jeito senão sacudir a cabeça, fazendo rebrilhar os brinços de jade à luz do lampião da mesa.

Ao vê-la encolher preocupada as sobrancelhas, o freguês pôs-se repentinamente a rir, e, tirando desembaraçadamente o boné, chegou-se a ela a passos duvidosos. Em seguida, como se tivesse perdido todas as suas forças, sentou-se na cadeira fronteira à mesa. Se bem não se recordasse de onde e de quando, começou Kinkwa a sentir uma certa intimidade por ele, como se o conhecesse com certeza. A apanhar desembaraçadamente as sementes de melancia da bandeja, e contudo sem mastigá-las, ficou ele a examiná-la com os olhos; mas, logo, de pernio com gestos, pôs-se a ela em língua estrangeira. A ela continuava ininteligível o sentido de suas palavras, mas que esse estrangeiro sabia alguma coisa da natureza da profissão dela, pôde adivinhar ainda que vagamente.

O fato de passar uma longa noite com um estrangeiro que não falasse o seu idioma, não constituía novidade para ela. Daí, logo ao sentar-se, mostrando o sorriso simpático que chegava quase a passar por seu costume, pôs-se a falar de brincadeiras que não eram entendidas pelo

interlocutor. Mas, como a se justificar de que não estava compreendendo essas brincadeiras, o freguês falou duas ou três coisas, riu contentíssimo e começou a gesticular mais depressa que antes.

O hábito expellido pelo freguês era de forte álcool. Entretanto, o rosto prazerosamente avermelhado fazia transbordar vivacidade máscula, a ponto de dar a impressão de que o ar pesado do quarto se aclarava. Ao menos se tratava de um estrangeiro mais belo que qualquer outro, oriental ou ocidental, visto por ela, e escusado dizer, muito mais do que um seu patricio de Nanquim. Entretanto, e independentemente disso, não conseguia eliminar aquela impressão anterior de conhecê-lo já de vista. A contemplar o cacheco de lã preta que enlaçava seu pescoço, Kinkwa esforçou-se, enquanto o seduzia com seu encantos, para lembrar em que situação teria se encontrado com ele pela primeira vez.

“Seria o homem que se encontrava no barco de turismo, outro dia, com a senhora gorda? Não, não. Aquele tinha cabelos bem mais vermelhos. Então, pode ser o homem que tinha a máquina fotográfica voltada para o templo de Confúcio em Shinwai. Mas tenho a impressão de que esse parecia mais velho. Ah, sim! Um dia, ao lado do refeitório que fica ao lado de Hishokyo, notei um aglomerado de pessoas e fui lá: uma pessoa parecida com ele erguia alto a bengala de glicínia e batia nas costas de um puxador de “jinriki” ° talvez... mas os olhos parece que eram mais azuis”.

Enquanto pensava em coisas assim, o estrangeiro, sempre alegre, encheria, não se sabe quando, de fumo o cachimbo e soprava fumaça de cheiro agradável. Logo, entretanto pronunciou algumas palavras, e, desta feita, soltando riso amarelo e manso, estendendo diante dos olhos de Kinkwa dois dedos da mão esticados, gesticulou, procurando fazer-se entender. Que os dois dedos indicavam dois dólares, isso era claro aos olhos de quem quer que fosse. Mas, Kinkwa, que não recebia fregueses, fez sinal de recusa, umas duas vezes, sacudindo o rosto, igualmente aberto em riso, ao mesmo tempo que fazia soar habilmente as sementes de melancia. Nisso, com os cotovelos ainda apoiados sem cerimônia sobre a mesa, o freguês estirou o rosto de bêbedo bem perto, à luz fraca do lampião, e fitou-lhe o rosto fixamente; mas, instantes depois, mostrou três dedos e adotou expressão de quem se achava à espera de resposta.

Kinkwa arrastou um pouco a cadeira, e, com sementes de melancia na boca, fez-se preocupada. Sem dúvida, pensava o freguês que ela não se lhe entregava por apenas dois dólares. Mas mesmo assim não lhe parecia possível fazer compreender minúcias necessárias e esse homem que não compreendia sua língua. Daí, arrependendo-se profundamente de sua levianidade, desviou o seu olhar límpido para outra direção e, sem outro remédio, e com mais força, balançou novamente a cabeça.

Acontece que, ele, depois de parecer, leve sorriso à mostra, um pouco hesitante, esticou quatro dedos e outra vez pronunciou algumas palavras estrangeiras. Sem saber absolutamente o que fazer, Kinkwa nem tinha mais forças para sorrir; contudo, resolveu desde que as coisas chegaram a tal ponto, não tinha outra alternativa senão continuar a sacudir a cabeça e esperar que o interlocutor desistisse do pretendido. Mal lhe dando tempo, contudo, para esses pensamentos, a mão do freguês acabou por abrir todos os cinco dedos, qual procurasse apanhar algo invisível.

Depois disso, durante longo tempo, continuaram os dois a interpelar-se através de gesticulações das mãos e do corpo. Inquebrantável, o freguês, ao cabo de somar uma a um os dedos, deu mostras de que não se arrependeria mesmo gastando dez dólares. Mas, nem mesmo dez dólares não conseguiram demovê-la da sua resolução. Afastou-se da cadeira, mantendo-se em pé, obliquamente à mesa. Pouco depois, o interlocutor lhe mostrou os dedos, pisou irritadamente os pés, sacudindo várias vezes, sem cessar, a cabeça. Com esse movimento, porém, não se sabe por que desarranjou, a cruz que pendia do prego escapou

e, com leve ruído metálico, rolou sobre o assoalho de pedra, a seus pés.

Atrapalhada, estendeu a mão e apanhou a cruz que lhe era tão cara. Nesse instante, ao ver sem querer o rosto esculpido do Cristo Sofredor, reparou que este era a reprodução viva do estrangeiro que se achava no outro lado da mesa.

“Bem que me parecia ter visto esse rosto: não é outro senão o deste Cristo”.

Kinkwa apertou a cruz de latão de encontro ao peito, por cima da vestimenta de cetim preto, e sem querer, lançou um olhar de espanto ao rosto do forasteiro, separado pela mesa. Este, a fazer rebrilhar fogueiramente o rosto alcoolizado à luz do lampião, e a expelir, de momento a momento, a fumaça do cachimbo, tinha à mostra um sorriso significativo. Ademais, o seu olhar parecia vagar pelo corpo dela – talvez do alvo pescoço às orelhas, de onde pendiam os brinços de jade. Todavia, mesmo essa aparência do freguês dava-lhe a impressão de que se achava plena de uma meiga autoridade.

Por fim, o freguês deixou o cachimbo e, inclinando com que de propósito a cabeça, dirigiu-lhe umas palavras pronunciadas entre risos. E isso provocou no coração de Kinkwa o efeito dos enigmas que um hábil hipnotizador sussurra aos ouvidos do paciente. Como se tivesse esquecido por completo sua heroica resolução, ela baixou suavemente os cílios sobre os olhos risonhos e, acariciando a cruz de latão, aproximou-se cheia de pejo do esquisito estrangeiro.

O freguês remexeu o bolso da calça, e, a fazer tilintar as moedas, deixou-se estar algum tempo a contemplá-la, com agrado, os olhos ainda refletindo leve sorriso. Entretanto, mal o sorriso desses olhos se transformou em um brilho febril, levantou-se de um salto da cadeira e enlaçou-a com toda a força de seus braços, cheirando a álcool. Como que em desmaio, a cabeça, onde se viam os brinços de jade, a cair sem força para trás, revelando um rubor vívido no fundo da face empalidecida, fitava o rosto próximo ao seu nariz, com os olhos sonhadores finamente abertos. Entregar-se-ia a este esquisito estrangeiro? Repeli-la o seu beijo, para não lhe transmitir a doença? Não se encontrava ela, naturalmente, em condições para pensar sobre tais coisas. Entregando a sua boca àquela toda coberta de barbas, a alegria do amor que inflama, a alegria do amor que sentiu pela primeira vez, nesse repente, fê-la sentir-se senhora desse amor que violentamente acendia à altura de seu peito...

– 2 –

Horas depois, no quarto de lampião apagado, apenas um quase inaudível canto de grilo acrescentava triste nota outonal à respiração que escapava do leito onde dormiam os dois. Todavia, entrementes, o sonho de Kinkwa foi subindo, do mosqueteiro poeirento, em direção à noite estrelada e enlaurada, cada vez mais alto e como que esfumaçante..

o o o

Sentada na cadeira de sândalo vermelho, Kinkwa levava o “hashi”¹ nas variadas iguarias enfileiradas na mesa. Ninho de andorinha, barbatana de tubarão,² ovo cozido a vapor, carpa defumada, cozido de porco, sopa de plantas marítimas, – por mais tentasse contar, não chegava ao fim. Além disso, quase tudo vinha em finos pratos desenhados, em toda a superfície verdes lótus e dourados “hoó”³.

Atrás de sua cadeira havia uma janela com um cortinado de “Kosha” pendente e, quicá por existir um rio fora, sem cessar chegavam até onde ela se encontrava o murmúrio da água e o barulho dos remos. E isso (conclui)

^o “Jinriki” ou “Jinrikixá”. Carro de passageiro puxado por homem.

¹ Hashi. Palitos em que japoneses e chineses apanham a comida.

² Ninho de andorinha e Barbatana de tubarão. Pratos típicos chineses.

³ “Hoó”. Dito Fênix chinês. Acreditava-se no seu aparecimento para anunciar o nascimento de príncipe ilustre.